

OLIVEIRA, Odete Maria de (Org.). *Relações internacionais, direito e poder: cenários e protagonismos dos atores não estatais*. Ijuí: Unijuí, 2014.

Arlene Anelia Renk[†]

Ao deparar-se com a obra de Odete Oliveira em análise, o leitor nota que a capa é a instigação primeira em busca do conteúdo que brinda: uma composição artística de bom gosto, de autoria da organizadora da obra. Outro aspecto relevante é observar que se trata do primeiro volume de outros em construção. Nas notas introdutórias, somos informados de que a obra coletiva é projeto do Grupo de Pesquisa coordenado pela professora Odete Maria de Oliveira, do Programa de Mestrado em Direito da Unochapecó.

É provável que ocorra com a temática Relações Internacionais o mesmo que acontece em tantos outros campos teóricos de fronteira: seguindo o velho mote, são mais reconhecidos do que conhecidos. Na eventualidade de assim ser, para inverter o jogo, o livro apresenta ensaios de leitura indispensável ao público já familiarizado, iniciado, e àqueles de áreas correlatas ou que procuram ampliar o leque de formação acadêmica. Inverte-se o mote e é propiciada a oportunidade de conhecer as dimensões de conceitos basilares, sua ossatura, suas tramas no contexto das globalizações e seus atores e cenários. Quem acompanhar essa trajetória seguramente reconhecerá e conhecerá a temática onde quer que se apresente nas complexas sociedades contemporâneas.

Outro destaque merecido, no conjunto dos textos, é a profusão e riqueza das notas. Sua leitura é estimulante e abre caminhos para novas investigações.

No que diz respeito ao objetivo da obra, a organizadora antecipa que

concentra-se [...] em focalizar o surgimento e a evolução dos denominados atores não estatais, abordar sua relevante participação, ativa atuação e dinâmica influência nas decisões da sociedade internacional contemporânea, indagando sobre os efeitos que estão provocando nos âmbitos do cenário e protagonismo dos atores estatais, em especial no comportamento estatocêntrico do Estado [...]. Neste sentido pergunta-se: Onde ficou seu poder soberano? (OLIVEIRA, 2014, p. 20).

A arquitetura do volume estrutura-se em três partes, formando blocos temáticos. Os artigos podem ser lidos na sequência ou separadamente, sem prejuízo à compreensão. Ressalto, no entanto, a relevância da ordenação elaborada pela organizadora, que funciona como um fio de condução a orientar o leitor.

[†] Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ).

Na construção da coletânea em geral, e nos ensaios em particular, fica evidente o respeito dos autores para com o leitor na explicitação dos conceitos utilizados e na apresentação dos diferentes teóricos que se valem de categorias similares. Essa riqueza é indispensável ao leitor não familiarizado ou não iniciado, como diriam outros, para que possa vivenciar o processo de desvendamento e conhecimento. O livro poderá ser lido como uma viagem com muitos ancoradouros, consistindo esses nas formas de explicitação de cada conceito.

As três partes da obra são precedidas por notas introdutórias gerais. A primeira parte, com o título *Relações internacionais, poder e os atores não estatais: abordagens de introdução*, ficou sob responsabilidade de Odete Maria de Oliveira e Giovanni Olsson. No capítulo de abertura, intitulado “Relações Internacionais, Direito e atores não estatais”, a autora Odete Maria de Oliveira situa o tema Relações Internacionais, desdobra-o e aprofunda suas repercussões, apresentando a conformação dos elementos conceituais interligados aos aportes teóricos do direito internacional. Estes, por sua vez, são relacionados com os aportes teóricos acerca dos atores internacionais, estatais e não estatais. Se a base teórica poderia ser tomada no contexto westphaliano, a complexidade é tratada com tamanho cuidado que aproximações e tipologizações são merecedoras de toda a atenção. Aliás, não podemos brincar impunemente de Linneu, sob o risco de nos depararmos com a enciclopédia chinesa imortalizada por Borges.

Na *démarche* do volume, o ensaio assinado por Giovanni Olsson encarrega-se de levar o leitor aos protagonismos estatais e não estatais do poder político no espaço global. Poder *com* e Poder *sobre*, dentre outras, são categorias fundadoras que Olsson, a partir de diversos autores, recupera e insere no debate. Entre os méritos do texto, está a abordagem do poder num cenário transtemporal e transdisciplinar. Paradigma e binômio, conflito e consenso.

O bloco intitulado *Relações internacionais, poder e atores não estatais: abordagem de tipologia (I)* ficou sob responsabilidade de Kamila Soraia Brandl e Juliana W. Panceri. Brandl aborda o papel dos governos não centrais e dos atores não estatais nas relações internacionais e aponta a distância temporal e qualitativa em relação ao sistema westphaliano, marco fundador do direito internacional e inspirador do clássico ensaio sociológico “A Nação”, de Marcel Mauss.

Panceri, por sua vez, toma o caso da União Europeia como *locus* do estudo; aborda o processo de construção das relações internacionais, contemplando a configuração institucional, o contorno global, o ator não estatal, o processo de integração, a ajuda humanitária, as dimensões políticas internas e externas da UE. A Política Específica de Vizinhança, a partir de 2003, que inexistia anteriormente, passa a encontrar seu espaço. Digno da figura multiplex, a exemplo dos estudos de Max Gluckman, transposto do contexto africano para o europeu, esse conjunto intrincado de ações e atores está permeado pelo *soft power* dos direitos humanos.

Os artigos dessa seção tratam de evidenciar a complexidade formada por atores das relações nacionais e internacionais. É ilustrativo o caso dos governos não centrais e seu papel nas relações internacionais, demonstrado em exemplos empíricos como o Tirol, Suíça, Bélgica e demais. Entra aqui o conceito de paradiplomacia.

A terceira parte está dedicada às *Relações internacionais, poder e os atores não estatais: abordagens de tipologia (II)*. O ensaio de Marcia Cristina Puydinger De Fazio aborda os atores não

estatais de resistência e o poder das redes. Mundo em rede (rede tecnológica) pode prescindir de certos portos, literalmente falando, mas não das empresas transnacionais. Movimentos sociais são os atores sociais; são movimentos de solidariedade e de resistência contra-hegemônica. Vê-se aqui o tratamento cuidadoso dos elementos teóricos das relações internacionais, do estatocentrismo e de superação pelo multicentrismo. Depois, também se discute a atuação dos atores não estatais, sua caracterização, o papel dos movimentos sociais globais e redes tecnológicas, intersecção entre local, regional, nacional e transnacional e movimentos de resistência, culminando no Fórum Social Mundial.

Renata Reynaldo enfoca os atores não estatais e o processo de transnacionalização. Nesse contexto, leva em conta a descolonização, a ampliação do número de Estados, a Guerra Fria e o fim desta, a doutrina neoliberal, o capitalismo na esfera global. Chama a atenção a forma elegante com que seleciona um desses atores, o gênero. Repertoria o movimento feminista, seus avanços, as plataformas, a transnacionalização, a constituição da questão de gênero. Sob o teto da globalização hegemônica, com um dos ancoradouros no Consenso de Washington, apoia-se teoricamente em Boaventura de Sousa Santos, Bauman, Ianni e Milton Santos, entre outros. A forma escolhida para seu ensaio foi a bifurcação e dicotomização entre globalização econômica neoliberal hegemônica e movimento pela justiça global. Nesse último, aponta os movimentos de resistência e, dentre eles, o Fórum Social Mundial, os movimentos feministas e a constituição do processo de transnacionalização. É interessante como uma temática das Relações Internacionais está entrelaçada com a questão de gênero. Veja-se a forma trabalhada pela autora, de Conferências da ONU, de Convenção, com a CEDAW (Convenção para Eliminar Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher), a Quarta Conferência Mundial sobre a mulher, em Beijing, em 1995. Há espaço para os movimentos feministas como atores não estatais.

No contexto das globalizações, permeadas por complexas relações internacionais nas quais navegam relações e ações (constelações estatocêntricas centrais, periféricas, algumas não estatais, mas de legitimidade no escopo do estado nacional, e também aquelas subterrâneas de licitude/ilicitude e de ameaça ao próprio Estado), estabelecer tipologias de atores de relações internacionais torna-se um grande desafio – quando o mundo westphaliano requereria, pelo contrário, maior transparência e menor critério no uso dos divisores. De lá para cá, na contemporaneidade, a complexidade das relações torna-se mais aguda em face do entrelaçamento dos diversos elementos, alguns deles anteriormente apontados, dos quais a literatura testemunhal oferece pequena amostra, como a literatura de autor em *Gomorra*, de Roberto Saviano, *McMafia*, de Misha Glenny, e *Economia Bandida*, de Loretta Napoleoni.

O livro, como já mencionado, é o primeiro de uma coleção que, certamente, contribuirá para orientar leitores em formação na área e abrirá espaços de diálogo e crítica a estudiosos e pesquisadores já iniciados no tema. Desejo que os volumes vindouros nos cheguem com brevidade, para que possamos tê-los em nossas bibliotecas, utilizá-los em nossas aulas e ensinar, nos espaços de atuação acadêmica, belas e acaloradas discussões.